

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

13.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

JULHO 29, 1837.



COMBATE DO LEÃO E DO BUFALO.

## COMBATES DE FERAS.

São na India Oriental muito usados semelhantes combates, e ácerca delles extrahimos das paginas do *Annual Oriental* a seguinte relação curiosa.

«Estando de visita em casa do Rajá dos Curgos foi o auctor convidado para assistir a algumas pelegas com animaes ferozes, divertimento muito do gosto deste principe, que se jactava de possuir feras, e tinha engaiolados muitos leões, e tigres; e até costumava (segundo contam) introduzi-los no palacio, perante seus hospedes, sem ao menos a restricção dos guardas.

No dia aprasado reuniu-se a assembléa no palacio do Rajá, e depois de uma farta comida se encaminharam todos para uma galeria, que dava para uma grande praça fechada; e logo que o principe chegou começaram os taes divertimentos.

O primeiro combate foi de um javalí com tres cabras, uma por uma: mas o immediato foi muito mais terrivel. Entrou um homem na praça, vestido com umas ceroulas, que mal lhe cobriam os quadris e até meio das coxas, e armado sómente com uma especie de faca: brandia na mão direita este instrumento, que era uma folha pesada, da feição de ferro de arado, de quasi tres palmos de comprimento, e tres pollegadas de largo, estreitando gradualmente para o cabo, com o qual formava um angulo recto. Os naturaes do paiz usam deste ferro com summa destreza, dando-lhe uma volta no ar antes de descarregar o golpe, que faz um effeito assombroso. O campeão,

Vol. I.

que se apresentava perante o Rajá do modo que dissemos, quasi nú, e só com aquella arma, vinha disposto voluntariamente a combater com um tigre. Era um homem alto e delgado; porém tinha o arcabouço do peito espaçoso, e os braços compridos e musculosos: as pernas eram seccas, mas descobria-se a acção muscular em cada movimento, tanto no desembaraço do seu andar, como nos ensaios preparatorios que fazia para a empreza arriscada em que se mettêra; e tudo mostrava que elle possuia uma actividade não vulgar combinada com extraordinaria força. A expressão da sua physionomia era absolutamente sublime quando deu o signal para largarem o tigre; — era toda a concentração da energia moral; — o indicio de uma superior e firme resolução. Luzia-lhe o corpo com o azeite, com que se esfregára para promover a elasticidade dos membros. Ergueu os braços acima da cabeça por alguns momentos quando fez o signal para admitir o inimigo na arena. N'um instante se abriu a porta de grades de uma vasta gaiola, e saltou para fóra um medonho tigre real, e parou defronte do Indio, dando á cauda movimentos fluctuantes, ora para diante, ora para traz, erriçando o pello, e soltando um certo uivo espremido: primeiro olhou para o homem, depois para a galeria, onde o Rajá com sua côrte estava assentado para ver, mostrou porém não estar inteiramente satisfeito do seu actual estado de soltura; e certamente o confundia a novidade da sua situação. Tendo espreitado breve espaço, deu subitamente volta em redondo, e acolheu-se á gaiola, donde os guardas, que estavam perto, mas fóra de peri-



go, intentaram debalde tira-lo á força. Então cerraram a porta, e lhe amarraram ao rabo varios buscapés para estourarem por intervallos.

Entregaram ao Indio um murrão acceso, e abriram de novo a portinhola, e largou-se-lhe fogo aos buscapés. O tigre saltou novamente, e deu um uivo horroroso: mas quando as bombas começaram d'estalar, pulava, virava-se, e revolvia-se como frenetico e damnado: por fim agachou-se n'um canto, rosnando como um gato quando está assanhado. Aproveitaram este tempo para esconderem a gaiola.

Durante a explosão dos buscapés o Indio esteve observando o inimigo, e depois se encaminhou para elle com passo vagaroso, mas firme. O tigre se ergueu, e retirou com o pello erriçado de fórma, que o rabo parecia duas vezes mais grosso que o usual; não estava disposto a começar as hostilidades; mas o seu resolutivo adversario o não largava, avançando para elle com o mesmo passo compassado, e o tigre retirando, mas apresentando sempre a frente ao inimigo. Parou o Indio de repente, e depois foi recuando lentamente; então a fera se ergueu a pino, curvou o costado para dar o pulo, e sacudiu o rabo, evidentemente meditando maldade. O homem continuou a retirar-se, e logo que esteve a tal distancia que já se lhe não podia distinguir o movimento dos olhos, o bruto feroz se balouçou subitamente para diante, agachou-se, e saltou, soltando um clamor breve e agudo. O seu adversario, já para isto preparado, pulou ligeiramente para o lado, e mal o tigre tocou no chão, meneou rapidamente em volta a sua arma pesada, e a descarregou com força irresistivel sobre uma perna traseira da fera, exactamente acima da junta; separou-lhe instantaneamente o osso, impossibilitando-a para segundo salto. O animal ferido bramia; mas voltando-se com velocidade para o Indio, que a este tempo distava delle algumas varas, lhe avançou com furia, levando a rastos a perna quebrada: excitado ao maior ponto de raiva cega, arremetteu mesmo em tres pernas para o adversario, que, com a sua arma terrivel alçada, estava tranquillamente esperando o assaltante, e que, apenas este lhe chegou a tiro, lh'a vibrou com tal força sobre a cabeça que lhe partiu o cráneo de orelha a orelha, e o inimigo vencido lhe caiu morto aos pés. Então victorioso limpou com ufania o ferro na pelle do animal; e fazendo uma grave cortezia ao Rajá se recolheu em meio das estrepitosas acclamações dos espectadores.

Sua Alteza nos informou que este homem tinha já morto varios tigres por este modo; e que posto que em uma ou duas occasiões fôra asperamente arranhado, com tudo isso nunca soffrêra feridas de cuidado. Estes Indios Curgos são bem conhecidos na Asia pelo habito de atacarem os tigres nos juncaes com a arma que descrevemos, e quasi sempre com successo infallivel. Na occasião, de que tractámos, nada podia exceder a presença de espirito, e a certeza prudente e bem calculada com que o destemido Indio levou a cabo tão arriscada empreza. Os brincos deste dia concluíram com diversos, e mui singulares jogos de força, e de agilidade, em que toda esta gente é mui destra.

Na manhã seguinte viemos ao palacio muito cedo; o Rajá nos estava esperando, e depois de uma pequena refeição, tomámos logares na galeria para assistirmos ao divertimento do segundo dia. Estava-nos preparado um espectáculo fóra do commum. Destinavam deitar um leão a um bufalo, que o principe havia mezes tinha comprado, e que sempre permanecêra descomedidamente bravo e feroz.

Tinhamos apenas tomado logar quando tiraram o bufalo do seu curral. Logo que entrou no circulo começou a mugir e a curvetear violentamente; a cavar

a terra com as patas arremecendo-a a mais de doze pés de altura. Era um animal corpulento como um grande boi, posto que não tão alto, porque tem as pernas curtas em proporção do tamanho: tinha uma enorme cabeça, com chavêlhos compridos, retorcidos quasi como os de carneiro; e ao mesmo tempo olhos grandes muito saídos, e ventas largas, que lhe davam um aspecto de extrema ferocidade. Raros cabellos se lhe viam pelo corpo, excepto no pescoço e rabo, e na extremidade deste tinha uma grande borla muito grossa e aspera. Era um animal magestoso, que todo elle inculcava força e braveza, como os bois da Thesalia. Poucos momentos depois ergueu-se o alçapão da gaiola do leão, e o rei dos brutos saltou para fóra: era um dos mais bellos que eu tenho visto. Poz-se a passear gravemente, meneando-se com arrogancia: mas logo que deu fé do bufalo deitou-se sobre o ventre, basculhou o chão com a cauda, e soltando um pequeno rugido, fez dois ou tres pulos, e engalfinhou-se no cachaço do adversario sem mais preliminares. O subito impulso fez vergar o bufalo sobre as juntas dos joelhos; mas restabelecendo-se immediatamente, revirou a cabeça com tal violencia que desalojou o leão, e o arremeçou com prodigiosa força d'encontro ás fortes trincheiras de madeira, que fechavam a praça, cravando-lhe ao mesmo tempo um corno n'uma das ilhargas, abrindo uma horrorosa ferida. O leão ficou por momentos atordoado, mas erguendo-se antes que o inimigo podesse tirar partido da sua situação, filou-se de novo ao pescoço do bufalo, dilacerando-o encarniçadamente. O combate era implacavel; mas o bufalo repetindo a mesma acção, com que anteriormente se desembaraçara, arremeçou novamente o leão á trincheira, e ainda com maior violencia; e se poz a escorna-lo com tal porfia, que em pouco o impossibilitou inteiramente de renovar a contenda. Mas ao mesmo tempo o bufalo estava tão exausto de forças que se estirou ao lado do inimigo prostrado: com alguns esforços os guardas o pozeram em pé, e o retiraram da scena do combate. O leão foi com difficuldade arrastado para a sua gaiola.

#### ORIGEM, E PROGRESSO DA ASTRONOMIA.

##### 1.º

HA tão pouca relação entre a grandeza do homem e a do globo, que habita, que por mais que estenda os olhos apenas descobre uma pequena parte delle. Por grande que seja, a extensão que vê sempre lhe parece um plaino, e para onde quer que se volte, o ceo se lhe affigura uma cupula immensa, que vem fechar na terra. Certo que esta era uma planicie extensissima, sobre a qual pelos extremos vinha assentar o ceo, para os homens primitivos, cujas idéas erão em tudo mui curtas. Tal fórma lhe attribuem ainda hoje todos os povos, a quem a luz da sciencia não tem alumiado.

A curiosidade humana, levada para os objectos de mais urgente precisão, não curou de estudar a ordem do Universo; mas o progresso da civilisação fez apparecer quem ousasse commetter a entrada do sanctuario da natureza. A observação ajustada dos mais simples phenomenos trouxe as primeiras idéas acertadas sobre a fórma do Universo. Viam-se o sol, a lua, as estrellas, desaparecer do lado do occidente, e assomar de novo no oriente, donde naturalmente se inferiu que o ceo não assenta sobre a terra, mas que a cêrca por todos os lados; os que tinham peregrinado por paizes remotos davam tambem testemunho contra o erro do vulgo: o mesmo que viam n'uma região, tinham visto n'outra, e por mais que tivessem



caminhado, nunca tinham ido bater no extremo desse immenso hemispherio, que parece rodear-nos.

Então olhando para o firmamento, e considerando a terra collocada no centro do seu ambito, inferiram que seria redonda. Os espiritos reflexivos abraçaram logo de bom grado esta idéa; e por isso talvez prestaram attenção principalmente a outros phenomenos, que tambem indicam a redondeza do globo. É provavel que os viajantes, e os que habitam nas visinhanças dos mares, fossem os primeiros, que observassem esses phenomenos, e os communicassem aos outros. Uma barca, saindo de qualquer porto, começava por occultar o bojo, depois o grosso dos mastros, e a final as extremidades destes, quando de todo desaparecia: por outra parte os que se iam aproximando á terra, enxergavam primeiramente o cimo das montanhas, e por fim viam a praia. Os que se adiantassem muito para o norte, ou para o meio dia, haviam de espantar-se vendo certos astros, que nunca tinham visto no seu paiz, e não lhes apparecerem outros, que lá viam quotidianamente. Se a terra é chata, diria então qualquer que attentasse por isso, todos veriam necessariamente os mesmos astros; e por tanto não acontecendo assim é porque a terra e o mar tem uma figura convexa, que occulta a uns o que a outros descobre; e como isto (o que denuncia a curvatura do mar ou da terra) se manifesta do oriente para o occidente, e do norte para o sul, claro é que devemos resolver que a terra é convexa por todos os lados.

Levados por esta idéa, os homens observaram immediatamente varios outros factos, que vinham confirmá-la. Via-se um eclipse da lua em certo paiz por volta da meia noite, e n'outro muitas horas antes ou depois: uma estrella, que neste clima jazia a certa distancia do horisonte, apparecia naquell'outro mais proxima ou mais distante do mesmo horisonte. Estas e outras observações, que não podiam deixar de ser feitas e conservadas, facilmente traziam os homens a deduzir dellas a curvatura da terra; e sendo de todas as castas de curvatura a mais simples a circular, adoptaram esta, e assentaram que a terra era um globo posto no centro do Universo.

Por noites limpas o ceo parece semeado de grande multidão de pontos scintillantes, varios no tamanho, formando certos aggregados notaveis pela sua fórma, e por outras circumstancias. Taes são a ursa maior, e a menor; as pleiadas, a constellação d'Orion, e a resplandecente estrella da canicula. Não era preciso repetir muitas vezes as observações para conhecer que quasi todas estas estrellas (nome que a principio dariam a todos os astros, quer fossem planetas quer estrellas) guardavam sempre entre si a mesma ordem, obedecendo unicamente a um movimento geral, que as levava do oriente para o occidente. Observando-se depois com mais attenção as circumstancias deste movimento, notou-se que umas descreviam grandes circulos, que abraçavam a terra, e que outras, não descendo nunca abaixo do horisonte, descreviam circulos de differente grandeza, e como contidos uns dentro dos outros: havia porém certa estrella muito notavel por ser a maior, que apparece n'um grande espaço do ceo, a qual parecia não mudar nunca de logar. Combinando estes phenomenos o espirito humano concebeu que o ceo era um globo atravessado por um eixo á roda do qual girava de continuo, levando consigo naquelle giro as estrellas. Chamaram pelos ás duas extremidades deste eixo, uma das quaes suppozeram na direcção d'aquella estrella immovel, ficando a outra collocada n'um ponto diametralmente opposto.

Os phenomenos, que temos exposto, por serem os mais faceis de comprehender, foram provavelmente os primeiros, que a Astronomia explicou; porém para

conhecer a natureza, e as circumstancias dos movimentos dos planetas se carecia de maior numero de factos, e de raciocinios. Verdade é que o do sol era menos complicado, mas em compensação este astro occultando com o seu resplendor todas as estrellas, que o visinham, não as deixava observar. Era por tanto preciso recorrer a outros meios, e talvez as seguintes considerações fizeram determinar a natureza, e circumstancias do seu movimento.

Já dissemos que as estrellas fixas, e moveis relativamente umas ás outras, apparecem sempre dispostas do mesmo modo, porém umas vezes offuscadas pela luz do sol, outras vezes desembaraçadas della; quadro que varia insensivelmente cada dia, e que só se assemelha quando volta a mesma estação: certa estrella, ou constellação, por exemplo, que no principio do verão apparece no alto do ceo á meia noite, com a entrada do outomno desaparece de todo, ou está quasi a desaparecer: outra ha que n'uma estação nasce á meia noite, e seis mezes depois, á mesma hora está visinha do poente: outra, em fim, que apparece logo depois do pôr do sol, desaparece immediatamente sumida na luz d'aquelle astro, e quasi quarenta dias depois, mais ou menos, segundo a luz que derrama, vê-se no horisonte do lado oriental um pouco antes de nascer o sol.

## NATAÇÃO.

O CORPO humano, no estado ordinario de saude, com os bofes cheios de ar, é mais leve do que a agua.

Esta verdade que todos deviam saber, salvaria mais gente de affogar-se, se fosse universalmente sabida, do que todos os outros meios que se usam para prevenir semelhantes desgraças.

O corpo humano, com o peito cheio de ar, fluctua naturalmente, com quasi ametade da cabeça fóra da agua, e tem tanto a qualidade de affundar-se como um bocado de páu. A coisa, pois, que unicamente se precisa para se poder respirar e viver, é ser o homem assaz senhor de si para que a parte que fica fóra da agua seja a cara.

A maior parte das pessoas que ordinariamente se affogam, acontece-lhes isto pelos seguintes motivos:

1.º Porque imaginam que um continuo movimento é necessario para embaraçar que o corpo vá ao fundo; o que os move a estender-se, como quem quer nadar, na qual postura a cara fica para baixo, e seria preciso ter a cabeça toda fóra da agua para poder respirar. Como se não póde estar nesta postura sem mecher continuamente, n'um instante se esgotam as forças de qualquer, ainda que seja bom nadador, e não o sendo, isto só lhe servirá de tomar mais tres ou quatro vezes a respiração. O corpo, que com algum esforço se ergueu por instantes acima do nivel da agua, mergulha-se outro tanto para baixo, quando este esforço cessa: as pessoas que não sabem nadar, pensando que vão ao fundo, ficam assim desorientadas, e mais depressa são victimas do seu desventurado caso.

2.º Porque se teme que, entrando pelos ouvidos, a agua affogue a gente, como se entrasse pelo nariz ou pela boca, e para obstar a isso gastam-se desassadamente as forças; o caso é que não póde a agua entrar além do tympano, e por consequencia nenhum mal póde fazer. Todos os que sabem mergulhar ou nadar deixam, sem risco, enche em-se-lhes as orelhas d'agua.

3.º Porque, quando um homem não sabe nadar, e vê que vai affogar-se, trabalha por conservar as mãos de fóra, crendo que as tem presas, se as conserva de-



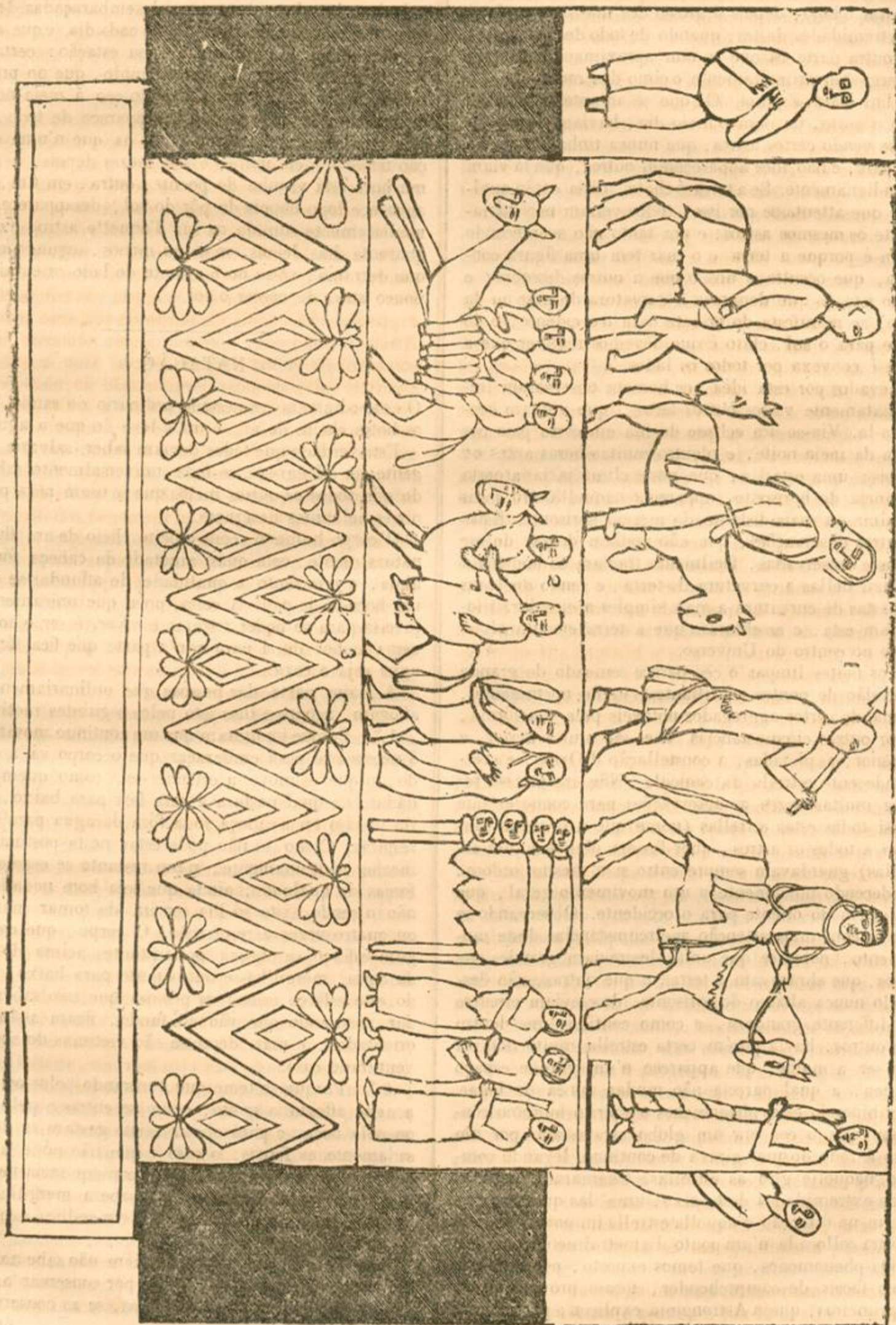
baixo da agua; mas esta tentativa é muito nociva, porque qualquer parte do corpo que se tenha de fóra junto com o rosto, que realmente carece de estar acima da superficie da agua, exige muito maior trabalho para se poder sobrelevar, o que então se torna impossivel.

4.º Porque não se attende a que, quando o corpo humano fluctua n'uma posição perpendicular, tendo só uma pequena porção acima da superficie, se a agua está agitada (como acontece no mar) ao passar qual-quer vaga, a cabeça fica por um momento coberta,

mas está desembaraçada dahi a um instante. O nadador habil aguarda essa occasião para respirar.

5.º Porque não se conhece a importancia de ter os bofes cheios de ar o mais que se podér, o que vem a dar no mesmo que ter uma bexiga cheia de vento dependurada ao pescoço, o que bastaria para sustér quasi toda a cabeça de fóra. Tanto que os pulmões ficam vazios, se a cara está debaixo da agua, não se pode já respirar, e então o corpo vai ao fundo, porque especificamente é mais pesado do que a agua.

MONUMENTO DE EGAS MONIZ.





PAÇO DE SOUSA — EGAS MONIZ — FR. JOÃO ALVARES.

O MOSTEIRO beneditino de Paço de Sousa tomou este nome do Paço de Egas Moniz, edificado entre as obras do mosteiro, e do rio Sousa, que por mui perto lhe corre. O sitio em que jaz é baixo mas sadio, e distará da cidade do Porto cinco leguas para o nascente.

Segundo o chronista beneditino Fr. Leão de S. Thomaz foi o mosteiro do Salvador (mais conhecido pelo nome de Paço de Sousa) fundado por Truicto-zendo Guedes, neto de D. Arnaldo de Bayão, cavalleiro francez, aventureiro, que veio a Hespanha nos fins do 9.º seculo a buscar fortuna. Edificou-se o mosteiro pelos annos de 956.

Vulgarmente attribue-se a fundação de Paço de Sousa a Egas Moniz, amo ou aio de D. Affonso Henriques. Procede isto, segundo o referido chronista, de elle alli estar sepultado, e de ter accrescentado varias obras ao edificio antigo. Deste e daquellas talvez os unicos vestigios que restam são dois monumentos levantados em memoria delle, dos quaes o mais curioso damos desenhado na gravura que precede este artigo.

É sabido o que narram as antigas memorias ácerca do generoso feito de Egas Moniz no cerco de Guimarães. Achava-se D. Affonso Henriques, ainda então infante, sitiado naquella villa por seu primo Affonso 7.º, rei de Leão e Castella. Apertava-se o sitio, faltavam os meios de defensão, e o coração robusto do principe não cedia a nenhum partido dos que o temor costuma aconselhar. Era a victoria impossivel; e Egas Moniz para salvar o infante tomou sobre si ir ao campo dos Leonezes tractar da paz: em nome de D. Affonso fez promessas ao rei de Leão, sobre a natureza das quaes teem recrescido varias duvidas: o certo é que o cerco se alevantou; mas o infante recusou cumpri-las. Então o leal Egas, acompanhado de sua mulher e filhos partiu para Toledo e se foi apresentar ao rei Leonez, levando uma corda ao pescoço, para que nelle fosse feita justiça da quebra da sua promessa. Elrei, assombrado de tanta virtude, o mandou voltar para Portugal livremente. E' esta a historia que se vê esculpida no monumento, que pela barbaria do lavor bem mostra a sua veneravel antiguidade.

Esta memoria estava d'antes n'uma especie de capella, que, abrindo para o cruzeiro, dava para a parte do norte, á qual chamavam corporal. Com o andar dos tempos foi derribada: e os ossos de Egas Moniz e de seus filhos trasladados para a capella-mór, juntamente com as duas memorias, das quaes uma era a que estava sobre a sua sepultura, e a outra o monumento daquelle portentoso exemplo de fidelidade que referimos, a qual é representada na nossa gravura.

É esta composta de tres pedras: na primeira de cima se veem em relevo tosco figuras de homens a cavallo com vestidos sem ornato, e cabeça descoberta; notando-se ainda na primeira figura a corda lançada de roda do pescoço, e nas outras, terem os braços em tal situação, que parece irem maneados, acompanhando-as peões com lanças. Na frente da mesma pedra, e na grossura della, ha figuras de mulheres como que curiosas e admiradas. Na immediata, ou do meio, apparecem tambem vultos em relevo, que dão mostra de serem a mulher e os filhos de Egas Moniz, todos a cavallo, descobertos, e com vestiduras desadornadas, ao que se segue creanças em um berço e figuras de pessoas que as acompanham, e que parecem vigia-las: a ultima pedra de baixo é de simples ornato.

O outro monumento, que omittimos aqui, representa a morte de Egas Moniz, de cuja boca sae uma figuri-

nha que rodeam dois anjos, e que mostra ser a alma do defuncto; e mais abaixo está esculpido o enterro, em que dois homens lançam o corpo á cova, vendo-se ao pé um vulto de mulher em ar de deploração, e um abbade no acto de ler n'um livro. Por baixo tem a seguinte inscripção em latim = *Aqui descança o filho de Deus Egas Moniz varão illustre. Era 1182.* = A primeira linha da inscripção ficou ás avessas em uma das varias mudanças que as pedras soffreram, a ultima das quaes foi para o corpo da igreja, onde ultimamente jaziam.

Por muitos tempos foi Paço de Sousa seminario de todas as virtudes: mas pelo meado do 15.º seculo parece que os costumes dos monges estavam grandemente corruptos: foi então, que, sendo eleito abbade commendatario Fr. João Alvares, entre elle e os frades se fez uma composição para reformar o mosteiro, documento curioso que ainda existe, e do qual se vê a dissolução espantosa em que os monges viviam. Só deste velho pergaminho extrahiremos uma anecdota menos vergonhosa: obrigaram-se nesta occasião os frades *a contentarem-se com canada e meia de vinho diariamente, em logar de tres que até ahi recebiam.*

Fr. João Alvares foi secretario do infante D. Fernando, chamado o sancto, que morreu captivo em Fez, ao qual acompanhou constante nas tribulações do captiveiro. Só depois da morte de seu amo voltou da Africa, sendo dahi a poucos annos nomeado abbade commendatario de Paço de Sousa. Com sua firmeza e virtude pôde alcançar a reformação do mosteiro. Negocios alheios o levaram a Roma, e á Belgica, donde escreveu aos monges tres cartas, remetendo-lhes a traducção de varios sermões *aos irmãos do ermo*, attribuidos a S. Agostinho, e da regra de S. Bento, bem como uma copia do celebre livro da *Imitação de Christo*. As cartas acham-se impressas nas dissertações chronologicas do Sr. João Pedro Ribeiro: o resto do manuscrito, que com as cartas e aquellas versões formava um volume de quarto, desapareceu de Paço de Sousa, quando se extinguiu o mosteiro.

Além disto deixou Fr. João Alvares uma relação singela da vida do infante sancto, a qual se imprimiu em 1527, e de que mais edições se fizeram depois, mas grandemente alteradas.

Sabemos que Fr. João Alvares, havendo concluido as suas viagens voltára a Portugal; mas ignoramos o logar e o anno da sua morte.

#### ESTADO ACTUAL DA GRECIA.

ESCAÇAS são as noticias que entre nós ha, ácerca deste novo reino da Europa. Até não é vulgar encontrarmos quem saiba de quantas ilhas e provincias continentaes se compõe este Estado, para cujo governo foi chamado o principe Otho de Baviera, pela convenção de Londres de 7 de Maio de 1832.

Antes desta convenção, e de ser elevada a Grecia á cathegoria de reino em Fevereiro de 1830, haviam os Gregos proclamado a sua independencia; e já no mez de Janeiro de 1822 tinham creado um governo provisorio, que se compunha do poder executivo, do senado legislativo, do poder judiciario, e de varias auctoridades territoriaes, annualmente eleitas. Foi esta constituição alterada em 1823 pela assembléa nacional, convocada para Ostra com esse intuito; e então se crearam as prefeituras, ou *eparchias*, pelas quaes foram substituidas as administrações provinciaes.

No anno de 1827 proclamou-se em Trezene uma nova constituição: porém em 1832 chegou o principe Otho, com cuja subida ao throno foi annullado aquelle



codigo, ficando o novo monarcha debaixo da protecção das nações que tinham triumphado em Navarino. Recebeu a Grecia de máu-grado a quebra das suas instituições, mas foi constringida pela força maior a calar-se. Otho prometteu dar aos Gregos uma nova lei fundamental; veremos se esta promessa é com effeito cumprida.

Para as despesas da guerra da independencia haviam os Gregos contrahido dois empréstimos: o 1.º no anno de 1824, de oitocentas mil libras esterlinas a 59 por cento; o 2.º em 1825 de dois milhões de libras a 55½, servindo a ambos de hypotheca os bens nacionaes e as rendas do estado. Depois de subir ao throno o principe Otho, contrahiu a Grecia mais outro empréstimo, de sessenta milhões de francos a 94 por cento, do qual foram fiadores os governos francez, inglez, e russo.

Podemos hoje calcular a receita deste paiz em 1600 contos de réis, do qual rendimento a dotação da casa real absorve só por si 160 contos, ou a decima parte delle. O resto se gasta em manter, além de um exercito de dez mil homens, oito ministros, muitos conselheiros de estado, e um enxame de empregados subalternos. Deste modo tendo os rendimentos de 1833, 1834, 1835, e 1836 produzido sómente 5790 contos, e orçando a despeza por 9612 contos, houve um *deficit* naquelles quatro annos de quasi 3900 contos de réis.

Á vista do que referimos, podemos dizer que a divida publica deste novo reino é, com pouca differença, de 54 milhões de cruzados, a cargo de um paiz, apenas povoado por 788000 almas, e já onerado com graves impostos, que se consomem sem utilidade da nação.

Pelo que toca á instrucção publica, está ainda em desenho a creação de escolas primarias, e a fundação de uma universidade. Não tracta o governo de proteger a agricultura; e a industria vai ainda muito atrasada. Fabricas não as ha; e em muitas povoações é difficilissimo achar officiaes que trabalhem até nos mais ordinarios misteres.

O que unicamente tem aproveitado com a independencia da Grecia é o commercio. Ha em Syra tres companhias de seguros, cujos capitaes montam ao todo em 80 milhões de cruzados. Esta cidade cuja povoação não passava de 6000 almas ao romper da guerra, contava 30000 moradores quando se assentou a paz. Hydra, que, depois de Syra, é a mais formosa e povoada cidade da Grecia, tem perto de 15000 habitantes. Os Hydriotas, que constituem a parte mais laboriosa da nação, possuem hoje para cima de 120 navios de carga de 150 a 170 toneladas.

As mercadorias importadas para este paiz subiram em 1831 ao valor de 4445 contos, e as exportadas delle apenas valeriam 1078. Devemos porém advertir que Syra, escala principal do commercio grego, é como o armazem ou deposito, donde se extrahem as mercadorias para as outras ilhas, e tambem para a Moréa e Romelia; que, afóra isso, aquella praça abastece por miudo a Turquia europea e asiatica, e que estas reexportações feitas por costeação não as mettemos na conta. A navegação commercial dos Gregos em 1831 foi de 2685 navios do póрте de 245:273 toneladas, ao todo.

Os generos que a Grecia exporta são vinho, aguardente, passas de Corintho, lã, seda em rama, cobre velho, cera, e ruiva dos tintureiros.

Não ao governo, mas á sua posição geographica deve a Grecia o florescente estado do seu commercio. Collocada, digamos assim, no meio do Mediterraneo, entre a Europa, a Asia, e a Africa, abrindo-se nas suas costas portos excellentes, poderia, por ventura,

a sua navegação estender-se facilmente não só até o Mar Negro e o Egypto, mas ainda até Italia, Franca, e Inglaterra. Affamada foi sempre a formosura e bondade do clima da Grecia: fertilissimo é o seu territorio, nomeadamente nas bandas orientaes da Phocida e da Beocia, na Messenia, e nas cercanias de Calamata.

De que carece, pois, este paiz para a sua prosperidade? Carece de um governo judicioso, que lhe dê boas instituições, em vez das ordens de cavallaria, de que a inçou o governo do rei Otho.

## OS PAMPAS.

São os Pampas umas vastas planicies da America do Sul, situadas no sertão da republica de Buenos-Ayres. Jazem estes vastos plainos entre Buenos-Ayres e o Chili por uma grande extensão de legoas. Cortam-os alguns rios; mas não se veem ahi arvores, e a unica vegetação que nelles ha é uma relva mui rasteira. Para o lado de noroeste fica-lhes um territorio tambem chão, o qual, em vez de relva, cobrem arvores espinhosas, carças, e muitos brejos e alagoas de agua salgada. Todo o terreno é salino, e chamam-lhe a *Travessia* ou o *Deserto de Mendoza*.

Os Indios selvagens que apparecem pelos Pampas são varias tribus que em outro tempo para alli vieram dos paizes circumvisinhos, ou acossados pelos Hespanhoes, ou em consequencia da muita caça que havia nestes plainos pantanosos. Dão-lhes o mesmo nome do paiz, e chamam-lhes tambem os *Pampas*. Estes povos andavam sempre em guerra com os colonos da Europa, e com os Indios que a estes se uniram, e de que se formou uma raça mestiça chamada *Gauchos*. Esta raça votou odio eterno aos Pampas, a que podemos chamar aborigines, e a guerra entre uns e outros ainda não acabou de todo, apesar da paz que o governo de Buenos-Ayres fez em 1796 com os Indios primitivos ou Pampas.

Estes são principalmente da casta dos Araucanos, tão celebres pelo seu valor, e pelas guerras que tiveram com os Hespanhoes. Os Araucanos são uma divisão da raça dos Patagões, de que em outro logar daremos noticias assaz curiosas.

Tem os Pampas todos os caracteres physicos dos Americanos tanto do norte como do sul; mas o tracto com os Europeus não tem feito nelles tantas mudanças como nos seus irmãos do norte. É gente habilidosa em obras de tecidos, e trastes de pelles, das quaes fazem cestos, freios, chicotes, e outras coisas curiosissimas, e algumas grandemente uteis, como são as botas de pelle de cavallo. Tingem-se como os outros selvagens de varias côres, mas sómente pela cara. Andam ordinariamente nus, quer vão á guerra, quer á caça, e nas suas habitações andam do mesmo modo, salvo se faz frio, ou se vão ás povoações; porque então vestem uma especie de saio de fundo branco e sapintado por cima, a que chamam *chilipa*, e deitam ás costas o *poncho*, que é como um cobertor.

Para caçar ou pelejar servem-se os Pampas de certas bolas presas a uma corda, com duas ou mais pernas, as quaes despedem, e puxam para si, depois de terem com ellas enredado o homem ou animal a que fazem o tiro. Trazem tambem facas, terçados sem bainha, e lanças do comprimento de dez pés, adornadas no conto com pennas de abestruz: mas a sua arma principal é a das bolas, de que se servem com espantosa destreza, correndo a cavallo, e girando com ellas á roda da cabeça, antes de as despedirem. A mais abundante caça que ha nestas planicies frequentadas dos Pampas é a especie de abestruz a que no Brazil chamam emas.



A raça que hoje constitue a principal população dos Pampas são os Gauchos, de que já fallámos. Os Gauchos são ou mestiços descendentes dos Indios convertidos e dos Hespanhoes, ou Indios que se uniram com estes; e em geral se dá este nome a todos os chistãos que habitam os Pampas. Vivem em cabanas espalhadas por aquelles campos, ou, como pastores e criados, nas *estancias* (fazendas) dos Hespanhoes de Buenos-Ayres. Estas *estancias* são casas que os proprietarios ricos tem por aquellas campinas, onde vivem os guardadores dos seus gados, unica, mas abundantissima, producção dos Pampas. Ordinariamente estas *estancias* compoem-se de tres casas, uma para o *capataz* ou feitor, e para os criados gauchos, outra que serve de cozinha, e que tambem é a morada dos escravos pretos, outra, em fim, que é a que fica no centro, e está mais adereçada, na qual se recolhe o proprietario quando vai á *estancia*. Nos arredores desta pascem manadas de bois e de cavallos, contendo muitas mil cabeças. Todo este gado é marcado; e a forragem fazem-na os Gauchos e os escravos por Junho e Julho: tambem está a seu cargo o correr de tempos a tempos os limites da fazenda, para fazer entrar para ella algum gado que ande arredio. No inverno e primavera faz-se grande carnagem de bois, para lhes aproveitar o couro, o sebo, e a carne dos lombos, que se corta em mantas delgadas e se guarda para exportação, depois de mettida em salmoura e secca ao ar. Ovelhas, havia d'antes tantas, que as vendiam a 60 réis por cabeça: mas hoje, sobre tudo perto de Buenos-Ayres, já vão escaceando muito. As que ha guardam-nas cães ovelheiros, sem mais pegureiro, e elles as levam a pastar, e trazem ao redil ao anoitecer. São estes cães de raça grande, e ácerca delles ha coisas curiosas e de notar. Em pequenos são amamentados por ovelhas, com as quaes commecam a andar por fóra ainda mui novos. Quando estão crescidos, os criados das *estancias* os fartam bem todos os dias pela manhã, e lhes dependuram ao pescoço um cestinho com comida; porque se lhes der a vontade de comer voltarão para casa logo. Carne de ovelha não lh'a deem; porque ainda que tenham fome de palmo, antes morrerão do que come-la. Muitos destes cães são mastins; porém grande parte delles são gôzos.

Os costumes dos Gauchos das *estancias* estão em harmonia com a sua situação. Habitantes de extensas campinas, pelas quaes correm á sua vontade, custalhes a affazerem-se ao trabalho, e ainda mais á obediencia: religião e brandura não gastam muita, por viverem affastados ás vezes uns dos outros vinte ou trinta legoas, e o mesmo das ermidas ou parochias, que poucas são. Se uma vez por outra vão á missa, ouvem-na a cavallo á porta da igreja; mas o que não dispensam é serem enterrados em chão sagrado. Como isto não é facil por causa das distancias, quando algum morre os parentes o cobrem de pedras e troncos de arvores, onde as ha, até se lhe consumirem as carnes, e depois levam a ossada ao cemiterio: ás vezes, por maior brevidade, partem o defuncto em pedaços, separam com uma faca os ossos da carne, enterram esta, e levam aquelles ao parochio para que lhes dê sepultura ecclesiastica. Se a igreja fica a menos de vinte legoas, poem o defuncto a cavallo, seguro por detraz com dois páus em aspa, e com os pés nos estribos, e assim o conduzem á parochia mais proxima.

Quanto ao vestuario, os mais abastados, como os feitores e maioraes, trajam á europea, mas os criados andam em geral com a *chilipa* e chapeo na cabeça; posto que alguns tragam calças brancas, o *poncho*, e botas de couro de cavallo. — As mulheres, que an-

dam descalças e muito çujas, usam de certa camisa sem mangas, atada pela cintura. Costumam de ordinario ter uma por junto; e quando a querem lavar, vão ao rio, tiram-na, lavam-na, e depois de a enxugarem ao sol, vestem-na, e voltam para casa. A habilidade não lhes sobeja: não fiam, nem cozem; apenas varrem a casa e accendem o lume para assar carne, guisado unico dos Gauchos. Estes, pelo lado do vestuario, tambem não são muito abastados, porque commummente não tem senão uma andaina de roupa: assim, quando a chuva os colhe em-deseampado, despem-se, e mettem o fato debaixo do couro com que cobrem a sella do cavallo, e vão assim á fresca até que passe o aguaceiro. Dizem a isso, que a pelle secca-lhes logo, e que o fato levaria mais tempo.

A educação que os Gauchos dão aos filhos é ensinalos a montar a cavallo. Apenas a creança tem oito dias, toma-a o pai nos braços, e vai correndo a cavallo pelo campo, até que o rapaz desate em berreiros: então volta com elle a casa para que a mãe lhe dê de mamar. Repete-se isto até a creança chegar a idade em que possa montar n'um cavallo já velho e manso. Com esta educação bravia ficam os Gauchos selvagens e desconversaveis; fogem do tracto de quem não conhecem; não tem amor de patria, não obedecem a ninguem; e acostumados desde a infancia a ver matar animaes, a vida de qualquer homem é para elles coisa de mui pouco momento: frequentes vezes commettem assassinios, sem porque, e com a maior tranquillidade de espirito. Dahi tiram, com tudo, tambem proveitos; são robustos e saudaveis, sobre tudo os mestiços de sangue hespanhol e indio: soffrem a doença e as mais asperas dores, sem soltar um só gemido. A propria vida, tem-na em mui pequena conta. Um mulato que esteja de má tenção com um destes mestiços, vem ter com elle, e sem descer do cavallo lhe diz: «Meu amigo, estou arrenegado contigo, e venho matar-te.» O mestiço pergunta-lhe então o porque: dá-lhe o mulato a razão, sem se alterar, nem levantar a voz; depois apea-se e mata-o . . . e esta horrivel scena se passa diante de muita gente, sem que ninguem se metta de permeio.

O que admira é serem estes Gauchos agasalhadores dos estrangeiros. Dão abrigo e de comer a qualquer viajante, e nem sequer lhe perguntam donde vem ou para onde vai. Custa-lhes a assoldadar-se; e quando lhes parece deixam o amo, dando por motivo unico o terem-no servido já muito tempo: gostam de jogar cartas, mas sempre com a faca ou punhal cravado em terra para matarem o que fizer ladroeira. Joga o Gaucho até a camisa, se está boa; e se a perde, o que ganha dá-lhe a sua; porque todos elles assentam, que em consciencia ninguem deve ter mais do que tma.

Gaucho a pé, ninguem o vê. Podemos dizer que apenas sabem andar; e por isso, trabalho que não se possa fazer a cavallo, não o fazem. Nas *pulperias* ou estalagens estão horas inteiras a conversar sem se apearem: pescam a cavallo; e até a cavallo vão tirar agoa dos poços, puxando o balde com uma corda, que levam presa á sella, sem desmontarem.

Já deste frequente uso se póde vêr quão destros cavalgadores são. Posto que montem com pouco ar, seguram-se bem, e por mais que um cavallo corra, escouce ou se empine, não é capaz de os deitar a terra. O mais que lhes succede é cair o cavallo, quando corre á redea solta; mas elles ficam sempre em pé e sem largar as redeas. Os estribos de que usam são uns triangulos de paio em que apenas lhes cabe a ponta do pé.

Não são os Gauchos menos destros do que os Pampas em atirar com as cordas emboladas, de que já fizemos menção; porém no que são eximios é em dei-



tar o laço. É este uma corda comprida feita de tiras de couro em uma de cujas pontas ha uma laçada corredia, e a outra está presa n'um gancho pregado na sella do cavallo do caçador. O Gaucho leva a corda enrolada em voltas, e pendurada na mão direita, até se aproximar do animal que persegue. Chegando a tiro arroja a corda com mão tão certa que a laçada vai encaixar-se no pescoço ou pontas do animal. O caçador toca então o cavallo para o lado, para quebrar a

força do empuxão que dá a presa quando se sente agarrada. Muitas vezes os touros, para apanhar os quaes principalmente usam do laço, correm com tanta ligeireza, ainda depois de terem a cabeça mettida na laçada, que levam a rastos o cavallo e o cavalleiro. Cae o animal por fim, e o caçador corre sempre, levando-o aos tombos, para o não deixar firmar-se bem nos pés, até chegar a sitio em que o possa prender, ou em que alguém venha, e decepe as pernas do animal.



MODO DE ATIRAR O LAÇO.

A PRIMAVERA — POEMAS DO SR. CASTILHO.

PUBLICAÇÕES litterarias são hoje raras em Portugal: — rarissimas as boas: a utilidade de um livro bom, ver-se este sobre o que versar, é indubitavel. A raridade, pois, e a utilidade das obras modernas bem escriptas nos movem a dar no Panorama noticia dellas, quando apparecerem, porque entendemos que nisso fazemos serviço ao publico, sem que no decurso do anno tenhamos de encher muitas paginas com semelhantes materias. Oxalá a abundancia dellas nos embargasse o menciona-las n'um jornal destinado principalmente a outros objectos de instrucção popular!

O livro do Sr. Castilho não é fundamentalmente uma obra nova, mas é a poesia vivida da juventude aprimorada pela poesia severa do genio já maduro e repassado de meditação e de estudo. Na differença da antiga á moderna *Primavera* se contém a historia do progresso poetico do Sr. Castilho: é por isso que, longe de o reprehendermos por haver corrigido em vez de compôr de novo, o louvamos. Quando as vagas dos seculos tiverem passado muitas vezes por cima dos sepulchros da geração que ora vive: quando a posteridade tiver feito inteira justiça ao maior poeta portuguez dos nossos dias, darão as duas Primaveras argumento para o julgar. As opiniões que o tempo foi melhor acertando, o estilo que se foi mudando, serão materia de estudo para vindouros, porque ahi se julgou o genio a si mesmo: ahi notou imperfeições que a critica por ventura não notaria: ahi, em fim, o grande poeta deu lições de bom gosto. Nem é de arreacar que o tempo que nisto empregou o auctor da Primavera faça falta a novas composições. No vigor da idade e do talento é mui rica a fonte do seu ingenho, para que de novo deixe de correr abundante por ter sido deri-

vada algum tempo para dar viço e vida ás flores da Primavera.

Alguem acha tambem que o livro vem mui recheado de prosas: nós o quizeramos ainda mais cheio dellas; porque na prosa do Sr. Castilho se encontra muita poesia, e porque a harmonia dos versos é o menor signal daquelles com que se revela o poeta.

Terminaremos recommendando o livro por ser um modelo de linguagem pura e de ingenho, e mais que tudo porque é uma voz de paz, de brandura, e de amor alevantada no meio dos odios civis, e das paixões procellosas deste seculo de transição.

*Caldo feito em uma hora.* — Quando fôr necessario fazer um caldo muito á pressa, quer seja para um doente, quer para outro fim, cortar-se-ha em pedacinhos um arratel de carne de vacca ou de vitella, e dentro de uma cassarola se lhe juntarão cenouras, cebolas, um pouco de toucinho, e meio copo de agua. Deixa-se refugar e apurar tudo isto, sem lhe dar muito lume, até começar a pegar-se á cassarola. Então deita-se-lhe quartilho e meio d'agua, e umas pedras de sal, e em tendo fervido por espaço de meia hora, cõa-se por um panno, e eis o caldo prompto.

As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 13 deste Jornal são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura, a fim de não soffrerem interrupção na entrega.

Escritorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.

LISBOA — NA IMPRENSA NACIONAL.